

Um passeio pelos escombros: cenas testemunhais da pandemia de Covid-19 no contexto negacionista brasileiro

A walk through the debris: witness scenes of the Covid-19 pandemic in the Brazilian denial context

Frances Vaz¹ⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5602-3928>

Ângela Cristina Salgueiro Marques²ⁱⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2253-0374>

Recebido em 16/05/2022. Aprovado em: 04/08/2022.

Resumo

O artigo objetiva analisar cenas testemunhais da pandemia de Covid-19 no Brasil compartilhadas pelo perfil *@covidphotobrazil*, no *Instagram*, em março de 2021. O atual cenário do negacionismo pandêmico brasileiro é discutido à luz dos debates contemporâneos sobre processos de erosão democrática em que se verifica, dentre outros aspectos, o uso sistemático da mentira, tomando o negacionismo pandêmico como uma das formas pelas quais o governo brasileiro investe em uma agenda de mentira e desinformação. Esse processo resulta no apagamento das vidas e histórias dos que adoeceram e morreram, culminando no esquecimento e na dificuldade em se produzir uma memória social do atual momento. As cenas testemunhais são analisadas à luz dessas discussões, da crítica ao historicismo de Walter Benjamin e das noções de precarização de determinadas vidas de Judith Butler, constituindo-se, portanto, como registros da história dos sobreviventes e como política da memória contra o esquecimento.

Palavras-chave: covid-19; crise epistêmica da democracia; negacionismo; testemunho; trauma.

Abstract

This article aims to analyze witness scenes of the Covid-19 in Brazil shared by the Instagram profile *@covidphotobrazil* on March 2021. The current scenario of Brazilian pandemic denial is discussed in the light of contemporary debates on processes of democratic erosion in which, among other aspects, the systematic use of lies in politics. The denial of the pandemic crisis is seen as one of the ways in which the Brazilian government has invested in its agenda of lies and disinformation. This process results in the erasure of the lives and histories of those who got sick and died, culminating in oblivion and causing difficulty in producing a memory of the current moment. The scenes are analyzed in the light of these discussions in dialogue with Walter Benjamin's critique of historicism and Judith Butler's notions of precariousness of certain lives. We argue that these images and testimonies can constitute registers of the history of the survivals and as a policy of memory against forgetfulness.

Keywords: covid-19; epistemic crisis of democracy; denial; testimony; trauma.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: francesvaz@gmail.com

² Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: angelasalgueiro@gmail.com

Introdução

Este artigo busca analisar cenas testemunhais do cotidiano de experiências da população brasileira com as consequências da pandemia de Covid-19 no país, tomando como referência o contexto negacionista alimentado pelo atual presidente brasileiro. Para isso, será feito, primeiramente, um enquadramento teórico da proposta de trabalho no bojo das discussões a respeito da crise das democracias contemporâneas, em especial, sua crise epistêmica ou crise da verdade (RUNCIMAN, 2018; LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; CASTELLS 2017; STANLEY, 2018; DAHLGREN, 2018; BENKLER *et al.*; 2018; CHAMBERS, 2020). Tais discussões são vistas como interligadas à crise político-sanitária pela qual passa o mundo e, em particular, o Brasil presidido por Jair Messias Bolsonaro. Sendo assim, passaremos a uma breve discussão a respeito das noções de negacionismo e de testemunho (MOREL, 2021; ALMADA, 2020; SELIGMANN-SILVA, 2010) para, enfim, analisar alguns registros testemunhais dos efeitos da pandemia no cotidiano da população brasileira compartilhados no *Instagram* pelo perfil *@covidphotobrazil* durante março de 2021. Embora tenham-se registros relevantes do ponto de vista de uma cobertura imagética da pandemia, as imagens aqui são tomadas como registros testemunhais e, portanto, lidas do ponto de vista das consequências da crise sanitária sobre os sujeitos que possuem suas rotinas e vivências profundamente alteradas. Busca-se compreender, portanto, de que forma o compartilhamento dessas imagens articulam narrativas sobre o trauma e sobre as dimensões sobre um luto coletivo, produzindo, assim, uma política e uma ética da memória em meio ao negacionismo.

As crises das democracias contemporâneas e o uso sistemático da mentira na política

As recentes crises dos sistemas democráticos de diversos países do globo têm despertado a preocupação de muitos pesquisadores, lideranças políticas e cidadãos. Dois eventos ocorridos em 2016 são relevantes nesse contexto: a votação pela saída do Reino Unido da União Europeia (o *Brexit*) e a eleição do presidente Donald Trump, nos Estados Unidos. Ademais, situações preocupantes também se verificam em outros países como França, Itália, Filipinas, Alemanha, Brasil e, mesmo antes dos acontecimentos de 2016, já se noticiavam retrocessos democráticos em países como a Hungria e a Turquia (RUNCIMAN, 2018; LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; CASTELLS 2017; STANLEY, 2018).

De forma geral, essas recentes crises têm sido marcadas, dentre outros aspectos, (1) pela ascensão de movimentos, partidos e lideranças populistas e de extrema-direita; (2) por campanhas de mentiras e desinformação desenvolvidas em ambientes digitais; (3) pelo elevado grau de desconfiança dos cidadãos relativamente às instituições democráticas e às fontes tradicionais de informação e conhecimento; e (4) por ataques a preceitos caros ao iluminismo e à democracia liberal como a racionalidade, o respeito e a tolerância (DAHLGREN, 2018; RUNCIMAN, 2018; LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; CASTELLS 2017).

Atentando-se para essa conjuntura, alguns pesquisadores têm chamado atenção para um aspecto específico das atuais crises democráticas: uma situação de “incerteza epistêmica”, em que “os cidadãos estão tendo mais dificuldades em distinguir fatos de ficções e estão alarmados e preocupados com a quantidade de informações enganosas que circulam *online*” (CHAMBERS, 2020, p. 3 – tradução livre³), ou o que tem sido chamado de crise epistêmica da democracia (DAHLGREN, 2018; BENKLER *et al.*, 2018). De acordo com Dahlgren (2018), tal crise epistêmica decorre tanto do elevado nível de desconfiança dos cidadãos frente às elites políticas e intelectuais, quanto de um cenário de “cacofonia epistêmica, onde até as descrições básicas sobre a realidade são frequentemente contestadas” (DAHLGREN, 2018, p. 6 – tradução livre⁴).

Nos tempos atuais, marcados pela ascensão da extrema-direita a postos de poder com expressivo apoio popular, este artigo registra um experimento analítico que busca compreender o papel dos registros testemunhais de fatos e acontecimentos do mundo em um contexto em que diferentes formas de negação sistemática da realidade se disseminam, tomando o caso da pandemia de Covid-19 no Brasil. O caso brasileiro tem se mostrado exemplar de como o discurso negacionista pode comprometer não apenas a eficiência da administração pública e a configuração de um ambiente político estável, mas também a própria segurança dos cidadãos na medida em que se instala uma política que mata e deixa morrer (DUARTE, 2020). Nesse estudo, esboçamos uma possibilidade de leitura desse evento partindo de cenas flagradas no cotidiano de brasileiros e brasileiras em todo o país na lida diária com as consequências desse encontro trágico entre a pandemia e o pandemônio político brasileiro (DUARTE, 2020): o que essas cenas testemunhais nos revelam, apesar do negacionismo que insiste em apagá-las? A seguir, serão apresentadas as principais noções que envolvem a relação entre negacionismo e testemunho, e o contexto brasileiro que norteia a pesquisa que aqui se desenha.

³ No original: “citizens are having a harder time telling fact from fiction and are alarmed and worried about the amount of misleading information circulating online”.

⁴ No original: “epistemic cacophony, where even the descriptions of basic social realities are often contested”.

Negacionismo e testemunho: um anteparo às violências da política do esquecimento

Recentemente, o termo negacionismo tem sido frequentemente acionado para designar um conjunto de práticas discursivas que buscam se contrapor a fatos estabelecidos por diferentes campos do conhecimento, como nas ciências do clima, na história, nas ciências da saúde, na astronomia (MOREL, 2021). Segundo Morel (2021), o termo negacionismo teria sido primeiramente introduzido pelo historiador francês Henry Rousso para se referir àqueles que negavam os crimes cometidos pela Alemanha hitlerista e a ocorrência do Holocausto. Para tanto, os negacionistas lançavam mão de métodos de falsificações e de ataques e deslegitimação dos testemunhos sobre os fatos ocorridos naquele período. Diante disso, “a memória da barbárie tem, portanto, também este momento iluminista: preservar contra o negacionismo, como que em uma admoestação, as imagens de sangue do passado” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 11).

Arendt (2019) alertou para a fragilidade da verdade factual dependente que é de documentos e registros históricos e das testemunhas dos fatos e acontecimentos do mundo, e também destacou a relevância da verdade dos fatos para a constituição das comunidades políticas. Por isso, para além de todas as importantes e necessárias iniciativas de contenção de práticas e discursos falsificadores, seja sobre eventos históricos, seja sobre os diversos acontecimentos do mundo, a possibilidade de escuta, registro e divulgação de cenas e narrativas testemunhais que revelam experiências individuais e coletivas sobre esses eventos torna-se um ponto fundamental de resistência à mentira sistemática, ainda que as dinâmicas desses campos discursivos não se articulem de forma reativa um ao outro. Ou seja, a noção de testemunho ganha relevância também como uma possibilidade de registro de eventos traumáticos experimentados por grupos vulneráveis e, como argumenta Seligmann-Silva (2010), como uma política da memória contra o esquecimento.

Durante todo o período em que a pandemia avança no país, diversos relatos sobre os seus efeitos passaram a circular nos ambientes digitais e em distintas modalidades de produções midiáticas que buscavam retratar os esforços das equipes de saúde no tratamento dos enfermos, as filas para recebimento do auxílio emergencial, as aglomerações em festas e locais públicos, o pranto e desespero de quem possui familiares e amigos necessitados de atenção hospitalar, as dezenas de covas abertas nos cemitérios do país.

O perfil *@covidphotobrasil*, no *Instagram*, que compartilha imagens capturadas por fotógrafos brasileiros de cenas em diferentes regiões do país relacionadas às consequências da pandemia de Covid-19, é um exemplo de iniciativa que permite a circulação de imagens que registram as diversas maneiras pelas quais as pessoas, os espaços e as dinâmicas sociais têm

sido impactadas pela pandemia. A seguir, apresentaremos um breve esforço de compreensão desses registros no atual cenário contemporâneo brasileiro.

Considerações metodológicas

O perfil *@covidphotobrazil* possui 18,2 mil seguidores e já realizou 817 publicações desde 19 de abril de 2020⁵, data da primeira postagem. Desde então, inúmeras imagens registram cenas de aglomerações em transportes públicos, de profissionais de saúde no cuidado diário de pessoas com complicações oriundas da infecção pela doença, ou de pessoas usando máscaras em situações diversas como caminhadas, compras, pessoas trans em pontos de prostituição, crianças brincando na rua. Não ficam de fora as terríveis cenas de covas enfileiradas em cemitérios, de sepultamentos e remoção de corpos e do choro desesperado de familiares.

A cena testemunhal é por nós considerada como uma composição complexa entre imagens, palavras, gestos e corporeidades que, articuladas, produzem uma “narração não tanto dos fatos traumáticos em si, mas da resistência à compreensão dos mesmos” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 48). Segundo Lage (2015, 2016), uma cena produtora de um testemunho revela um choque violento, mas requer também a capacidade ética de perceber e simbolizar o trauma. Narrar o trauma é construir uma memória topográfica, um trabalho político da memória que transforma imagens, vestígios e palavras em um acontecimento desdobrável, revelando também as condições de sua existência (SELIGMANN-SILVA, 2010, 2011). O trabalho da cena é, assim, a construção de intervalos e aproximações entre o trabalho incessante da morte e o trabalho de olhar, registrar, elaborar o trauma, o luto, a sobrevivência.

Para este estudo, foram visitadas as cenas construídas e postadas durante o mês de março de 2021, período de coleta dos dados e, até aquele momento, o mês mais letal da pandemia, com 66.868 mortes. Entretanto, o pico de mortes acabou sendo atingido no mês seguinte, abril, no qual foram vitimadas 82.401 pessoas (PINHEIRO, 2021). As postagens selecionadas foram classificadas de acordo com a cena retratada nas seguintes categorias:

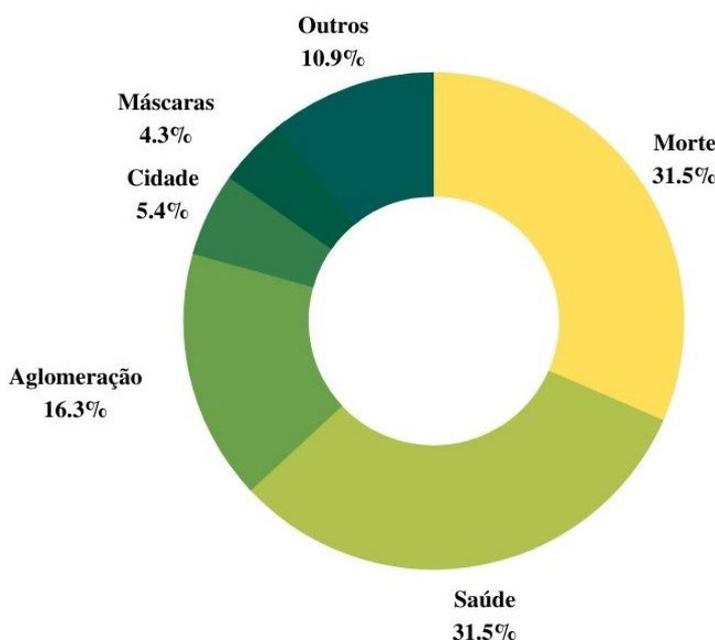
- **Morte:** velórios, sepultamentos, cadáveres e registros do luto ou da despedida de familiares de vítimas fatais.
- **Saúde:** profissionais e ambientes de saúde, bem como pacientes em situação de testagem ou tratamento da doença.

⁵ Esse levantamento foi atualizado em 26/8/2021, na conta do perfil no *Instagram*.

- **Aglomeraco:** aglomerações de pessoas em meios de transporte público, festas clandestinas e manifestações políticas.
- **Cidade:** espaços urbanos vazios ou com pessoas circulando por ruas e equipamentos públicos.
- **Máscara:** pessoas aleatórias em espaços abertos ou fechados utilizando máscaras.
- **Pobreza:** pessoas em situação de pobreza, em que essa condição de vulnerabilidade específica esteve explicitamente delimitada.
- **Vacina:** situações de vacinação da população.

Essa classificação não objetiva efetuar uma sistematização exaustiva e estanque do material, mas apenas criar condições organizadas de leitura e identificação das diferentes cenas. Como uma única postagem pode conter mais de uma imagem (a chamada publicação “carrossel” do *Instagram*), pode ter ocorrido uma dupla classificação no caso de as imagens de uma mesma postagem retratarem cenas que se aplicam a categorias diferentes. No período considerado neste estudo (março de 2021), foram analisadas todas as postagens publicadas, totalizando 81 publicações, nas quais foram classificadas 92 tipos de cenas. No Gráfico 1, apresentam-se os principais temas relacionados às cenas identificadas.

Gráfico 1 - Tipos de cenas compartilhadas pelo @*covidphotobrazil* (março de 2021).



Fonte: Elaboraco própria (2022).

Nota-se o expressivo compartilhamento de cenas de situações de morte e de Saúde, com 31,5% das ocorrências em cada categoria, seguidas por registros de aglomerações (16,3%), de espaços urbanos (5,4%) ou de pessoas usando máscaras em situações diversas (4,3%). A seguir,

apresentaremos algumas reflexões sobre as diferentes cenas retratadas por meio de um passeio pelo material coletado.

Cabe destacar ainda que, conforme recomendação da Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/2012 (BRASIL, 2012), foram adotados procedimentos para assegurar as identidades dos sujeitos fotografados. Seus rostos foram embaçados nas imagens aqui reproduzidas. Além disso, também o foram encobertas partes de cadáveres à mostra como sinal de respeito a essas vítimas e seus familiares. Do ponto de vista dos direitos autorais, por se tratar de um perfil aberto e com acesso irrestrito e que independe de inscrição prévia para acesso e se constituírem por imagens veiculadas tanto em veículos de imprensa quanto em *sites* e redes sociais, foi dispensado a autorização de uso das imagens. Em cada uma delas, registrou-se a fonte, o *link* de acesso no perfil analisado e os créditos do fotógrafo tais quais o editor do perfil *@covidphotobrazil*.

Um passeio pelos escombros: cenas testemunhais de experiências com os efeitos da pandemia de Covid-19 no Brasil

O dom de despertar no passado as centelhas de esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1994, p. 224-225).

Escritas no princípio dos anos 1940, as teses sobre o conceito de história de Walter Benjamin antevêm, em muitos aspectos, os tempos sombrios que estavam por vir. Sua famosa alegoria do anjo da história, involuntariamente arrastado para frente pelos ventos do progresso, mas com os olhos fixados nos destroços acumulados por sucessivas catástrofes, pode ser vista como a representação das pilhas de cadáveres e cinzas resultantes do regime hitlerista (LÖWY, 2005; GAGNEBIN, 2018). Opondo-se a uma prática historiográfica positivista que se dedicava a registrar os grandes feitos e a história dos “vencedores”, Benjamin defende a escrita da história a contrapelo, destinada ao registro da história dos vencidos, dos que tombaram pelo caminho, daqueles que “não cessavam de perder” (BENJAMIN, 1994, LÖWY, 2005; GAGNEBIN, 2018).

Expostas aqui de uma maneira muito breve, essas noções se aproximam da atual proposta das historiadoras Myriam Piguet e Caroline Montebello, elaborada em virtude do lançamento do manifesto *Covid-19: pour une mémoire ordinaire de l’extraordinaire*, cujo objetivo é convocar indivíduos, instituições e autoridades públicas a conservarem registros e arquivos sobre a tragédia humanitária da pandemia do novo Coronavírus. Segundo elas, seria

essencial “lançar luz sobre ‘pequenas vidas’, geralmente invisíveis, mas que participam da grande história das sociedades humanas” (PIGUET; MONTEBELLO, 2020 – tradução livre⁶). Sob esse aspecto, dentre os estudos voltados a compreender o atual uso sistemático da mentira no campo político, entendemos que um aspecto parece estar negligenciado: a relação entre os testemunhos de quem sofre os efeitos de uma realidade violenta e que precariza suas vidas e o desprezo por suas experiências por meio de práticas e discursos negacionistas.

A negação do racismo, da homofobia, da escravidão ou dos crimes das ditaduras são apenas alguns exemplos de práticas cada vez mais comuns de deslegitimação de condições precárias que, como argumenta Butler (2019), tornam algumas vidas mais dignas do que outras, inclusive, no que se refere ao próprio luto. Como destaca Duarte (2020), agora, com o negacionismo pandêmico, nos vemos todos suscetíveis a um processo de precarização sistêmico de nossas vidas, ainda que, como salienta o autor, com diferentes afetações oriundas de condições de raça, gênero, sexualidade e variáveis socioeconômicas.

A noção de vulnerabilidade postulada por Butler (2015, 2019) indica que todos estamos expostos uns aos outros e podemos, portanto, destruir um ao outro, sendo essa condição de vulnerabilidade inerente à própria vida. Mas, para a autora, há condições que tornam algumas vidas mais vulneráveis que outras, ou seja, “existem meios de distribuir vulnerabilidades, formas diferenciadas de alocação que tornam algumas populações mais suscetíveis à violência arbitrária do que outras” (BUTLER, 2019, p. 7).

As cenas registradas em diferentes lugares do país serão analisadas a partir de um gesto benjaminiano (1994) que consiste em andar entre os escombros, examinando vestígios que possam fazer parte do processo de elaboração da memória testemunhal. Assim, elencamos três tipos de cenas que, ao nosso ver, expressam diferentes condições de precarização de segmentos da população brasileira: *Falta ar: o colapso no atendimento à saúde; Falta pão: pobreza e desigualdade social; Falta dignidade: morte, luto e desamparo.*

⁶No original: “mettre en lumière des ‘vies minuscules’, d'ordinaire invisibles, mais qui participent à la grande histoire des sociétés humaines”.

Falta ar: o colapso no atendimento à saúde

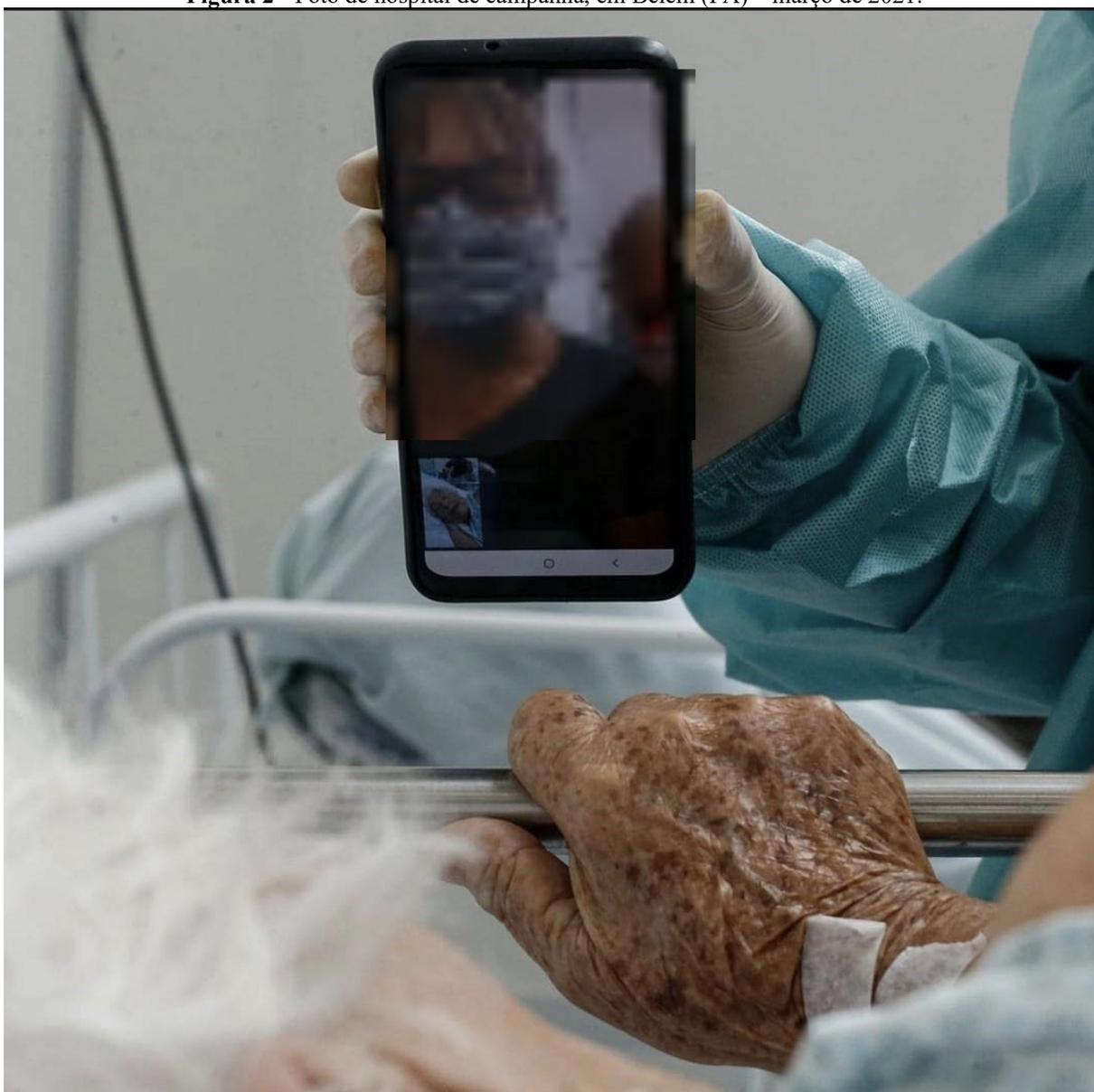
Figura 1 - Foto de hospital em Santo André (SP) – março de 2021.



Fonte: Foto: @andrepenner. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CMKZfocHmQj/>, acessada em 28 set. 2021.

Nas cenas de pessoas em tratamento e de ambientes hospitalares, observam-se imagens impactantes: leitos hospitalares cheios, equipes de saúde visivelmente exaustas e a solidão de ser acometido por uma doença infecciosa que exige protocolos de distanciamento social. Sem a presença de familiares e pessoas conhecidas, as interações humanas dos pacientes restringem-se a manobras de seus corpos por equipes de saúde, acessos venosos e uma parafernália de equipamentos eletrônicos que monitoram seu estado de saúde. Veem-se ambientes frios, assépticos e monocromáticos. A contagem do tempo é medida por prognósticos, resultados de exames, diminuição da carga viral, melhora do quadro respiratório, pelo progresso imponderável da infecção ou sua contenção. Nesse contexto, com o auxílio das recentes tecnologias de comunicação, o contato dos pacientes com o mundo externo se dá, quando possível, por meio de chamadas de vídeo realizadas com familiares e amigos.

Figura 2 - Foto de hospital de campanha, em Belém (PA) – março de 2021.



Fonte: Foto: @sarrafarso. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CMaVcnpHFFF/>>, acessada em 28/9/2021. Imagem editada para proteção das identidades das pessoas nela registradas.

Na imagem acima, a senhora ou o senhor se apoia na alça fria da cama do hospital para se comunicar com pessoas conhecidas, provavelmente familiares, do outro lado da tela. A ternura da mão enrugada e manchada a se apoiar na maca e a generosidade dos profissionais de saúde ao promoverem tal “encontro” contrastam com a imagem fria e asséptica do hospital e dos equipamentos de proteção individual dos profissionais de saúde. Na longa espera pela cura eventual, à distância de familiares, de amigos e da própria história de vida, restam momentos raros de conversa mediada por aparelhos e profissionais cada vez mais atarefados com uma rotina caótica de atendimento a casos crescentes de novos infectados.

A situação não se limita aos ambientes hospitalares. Em um país continental, com um

sistema de saúde insuficiente para atender à população, a emergência da crise sanitária condiciona muitos pacientes e enfrentarem os sintomas da doença em casa, sem acesso a instalações de saúde especializada.

Figura 3 - Foto de paciente em tratamento domiciliar, em Manaus (AM) – março de 2021.



Fonte: Foto: @fotomichaeldantas. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CMdac2Jn19t/>>, acessada em 28/9/2021. Imagem editada para proteção das identidades das pessoas nela registradas.

Como se viu em janeiro de 2021, a luta por oxigênio para o tratamento de pacientes em situação grave ganhou as redes e as páginas e telas de jornais do país. Ao sair às ruas para cobrir a realidade da pandemia em sua cidade, Manaus, o fotógrafo Michael Dantas afirmou, na legenda que acompanha sua foto (Figura 3), sua disposição em “contar essas histórias, de voluntários e familiares que lutam – assim como nós – para manter vivos seus entes queridos”.

Segundo Gagnebin (2018), interrogar os rastros deixados por um trauma significa

trabalhar pela manutenção do passado, fazendo sobreviver existências construídas pelos ausentes da história oficial (os oprimidos) à revelia da historiografia vigente. O gesto ético-político de Benjamin permite também a instauração de outras possibilidades de interpretação das imagens dos acontecimentos traumáticos, procurando algo que escape ao controle da versão dominante da história. Para Gagnebin, a rememoração não apenas conserva o passado, “mas lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida” (Idem, 2018, p. 36).

Trabalhar o trauma através da produção de imagens é garantir a elaboração de uma cena testemunhal de aparecimento que articula os corpos, os gestos, os vestígios que não eram aqueles esperados, que escapam às convenções acordadas e fazem com que as conexões entre distintas visibilidades e temporalidades não funcionem de modo previsto. O trabalho do trauma desmonta o olhar e perturba a inteligibilidade do que estava programando para poder ser visto. Ele promove uma outra forma de estruturação do “pensável”, envolvendo a alteração de um regime de percepção, de leitura e de escuta por meio do qual elementos diversos se justapõem e se atritam de modo a permitir um deslocamento de nossa posição em relação ao modo como apreendemos, percebemos e respondemos às demandas do outro e aos eventos do mundo. Segundo Butler (2017), o luto que se associa ao trauma permite uma aparência digna de sujeitos, sua existência como seres humanos submetidos à dor, ao sofrimento e à precariedade. Ela salienta que enquadramentos produzidos para dar origem às imagens podem tanto ampliar as vulnerabilidades de sujeitos e grupos quanto dar origem a uma operação crítica, alterando imaginários e desestabilizando formas consensuais de pensar a experiência. Assim, uma imagem também pode atuar sobre as alianças e conexões que desafiam as formas biopolíticas de classificar e tratar as existências.

Butler, dialogando com Benjamin, assinala como a produção de imagens que revelam um trauma a ser enlutado enreda um “conjunto de histórias esquecidas, certamente as que pertencem à história dos oprimidos, lampeja e impõe uma reivindicação repentina (reconfiguração ou reconstelação do tempo presente em que a história esquecida dos oprimidos pode perfeitamente [...] atuar como um freio de mão, mas também como algo que lampeja e que exige atenção urgente” (2017, p. 107). Assim, o trabalho do trauma e do luto revela a produção de uma política da memória: nela, as cenas testemunhais e as imagens de dor não são “posse cognitiva de ninguém, mas imaginário circulante, estilhaçado, alojado no tempo presente: luz e estilhaços que explodem, se alojam e lampejam” contra “uma amnésia que nega a história do sofrimento” (BUTLER, 2017, p. 111) e assim produz uma memória ética e corporificada que dignifica e que retira as pessoas da violência opressora do enquadre

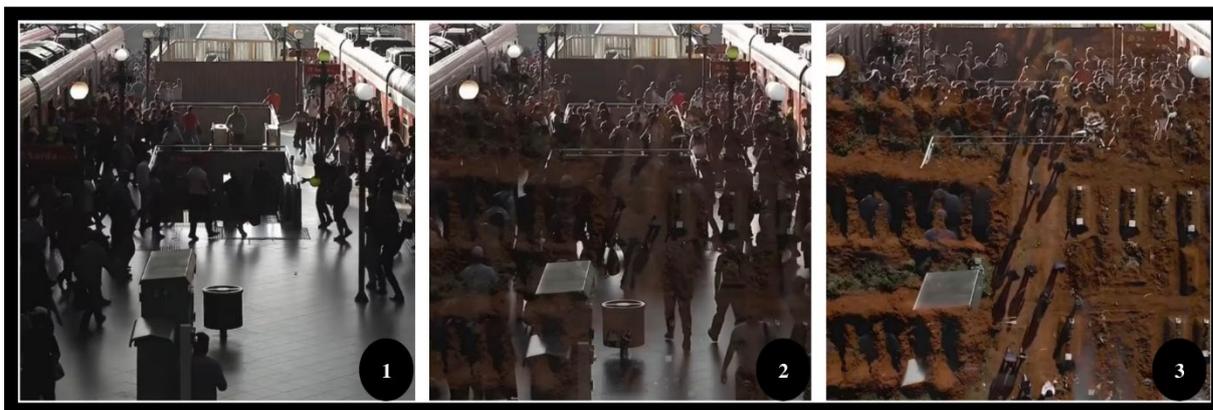
explicativo que geralmente orienta as operações estéticas e políticas que tornam possível uma dada imagem e a aparência de uma vida por meio dessa imagem.

Falta pão: pobreza e desigualdade social

O quadro de desigualdade social brasileiro atravessa as diferentes cenas que são observadas no país. Jogadas à própria sorte, parcelas expressivas da população brasileira viram-se diante do dilema: protegerem-se do vírus e passarem fome ou continuarem seu trabalho (quando o tinham ou conseguiram preservá-lo) e arriscarem-se a entrar para as estatísticas de contaminados ou mortos pela doença. Foi assim que sintetizou o fotógrafo Caio Gatelli: “o dilema do povo brasileiro – morrer de fome ou morrer de Covid”, em legenda que acompanha o vídeo que produziu de uma transição entre uma cena da Estação da Luz, em São Paulo, no dia 22 de março de 2021, às 7 horas da manhã, e outra, no mesmo dia, no cemitério Vila Formosa, às 16 horas.

Na montagem (Figura 4), a estação de metrô é inundada por usuários do transporte saindo dos vagões. Relacionando explicitamente as aglomerações a que estão submetidas as pessoas que precisam pegar o transporte público para continuarem a trabalhar e as infecções crescentes pela doença, o vídeo transporta, por assim dizer, esses passageiros às trilhas do cemitério, como se estivessem enterrando seus mortos ou, após o expediente, fosse essa a sua morada. No impasse criado por autoridades públicas e lideranças do mercado entre adotar medidas de distanciamento social e levar à população condições mínimas para se manter isolada ou manter a economia em funcionamento, milhões de pessoas viram-se obrigadas a prosseguir com suas rotinas de trabalho não apenas pelas necessidades prementes, mas por temer perder o próprio sustento.

Figura 4 - Frames do vídeo de @caioquatelli sobre o “dilema” do povo brasileiro – morrer de fome ou morrer de Covid.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do vídeo postado por @caioquatelli, disponível em <https://www.instagram.com/p/CM3U-GAn1Jp/>, acessado em: 28 set. 2021.

Além das inúmeras cenas de aglomeração em transportes públicos que denunciam a situação de desamparo da população e o descaso de autoridades no provimento de mais linhas e veículos para servir a uma população necessitada, destaca-se, também, registros de pessoas enfileiradas para terem acesso à comida, como no caso do bairro de Paraisópolis, na periferia de São Paulo.

Figura 5 - Moradores da favela de Paraisópolis, zona sul de São Paulo, aguardam para receber marmita fornecida pela associação da comunidade (março de 2021).



Fonte: Foto: @lalodealmeida. Disponível em :<https://www.instagram.com/p/CMt-ExbHiUn/>, acessada em: 28 set. 2021. Imagem editada para proteção das identidades das pessoas nela registradas.

As expressivas desigualdades sociais brasileiras não se vislumbram apenas nas tristes cenas expostas nesta seção. Elas também se verificam de maneira dramática das condições de morte, de luto e no destino que é dado aos que se foram. Sob esse aspecto, os gestos ético-políticos empreendidos por Arendt e por Benjamin nos levam a pensar acerca da pluralidade e dos modos de seu aparecimento e registro no espaço público e nos espaços da memória. Ambos indicam que esse aparecimento se produz na interrupção do tempo cronológico e consensual que organiza uma sintaxe lisa e sem fraturas. Para Benjamin, conhecer as sobrevivências pelo vestígio, pelo testemunho do que resiste é desfazer a linearidade consensual da narrativa que organiza as vidas e as mortes e, nesse gesto, construir um conhecimento novo.

As cenas testemunhais aqui analisadas remetem ao que Gagnebin (1999) define como o

esforço para elaborar um passado e construir um conhecimento que não é totalizante, mas que redefine o presente ao evidenciar incertezas. O testemunho colabora, assim, na transformação ativa do presente (Benjamin) e nas condições de aparecimento e legibilidade dos sofrimentos e injustiças (Arendt). Ele não compõe um arquivo estanque do passado ou a recuperação da “dignidade perdida” dos humilhados, mas subverte as versões forjadas pela mentira e pelo negacionismo e requer uma transformação radical, que funda um novo imaginário para o futuro e não a nostalgia melancólica do passado. O testemunho mantém viva “não a particularidade de um acontecimento, mas aquilo que, nele, é criação específica, promessa do inaudito, emergência do novo” (GAGNEBIN, 1999, p. 105).

Falta dignidade: Morte, luto e desamparo

Como se já não fosse trágico o suficiente lidar com tantas mortes e, principalmente, perder alguém e temer a morte, as cenas vistas em cemitérios, hospitais e residências país afora provocam enorme sofrimento. As medidas de distanciamento social adotadas para o controle da pandemia por si mesmas já instalam a condição extremamente difícil de se interditar os ritos fúnebres coletivos, momentos em que se afirma a relevância da vida daquele ou daquela que parte. E não apenas isso, o volume absolutamente inaceitável de mortes prestes a causar colapso funerário no país, configura um cenário em que mesmo as pequenas despedidas se tornam impedidas. A pandemia em condições de extremas desigualdades escancara o baixo valor de algumas vidas que, nos termos de Butler (2015), estão mais expostas ao perigo de serem extintas sem serem enlutadas.

Se a pandemia *per se* configura um quadro trágico para o reconhecimento do valor das vidas, o caos gerado pela gestão governamental da crise sanitária asseverou as precariedades a que os segmentos mais vulneráveis da população estão expostos. A despedida e o choro devem ser breves, restritos e, muitas vezes, em casos de morte em ambiente hospitalar, sem a possibilidade de se tocar, pela última vez, o corpo do filho, do marido ou da companheira de uma vida inteira.

Figura 6 - Imagem de idoso despedindo-se de companheira em Manaus (março de 2021).



Fonte: Foto: @a_coelho. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CM0GaRdHogc/>, acessada em: 28 set. 2021. Imagem editada para proteção das identidades das pessoas nela registradas.

Além de cenas dramáticas de pessoas sendo removidas de seus lares, enroladas em colchas e lençóis carregadas por profissionais paramentados com macacões e equipamentos de proteção individual, vítimas fatais da doença vistas no chão de casa, em sacos plásticos de hospitais ou em necrotérios tornaram-se eventos mais comuns do que deveria ser tolerável.

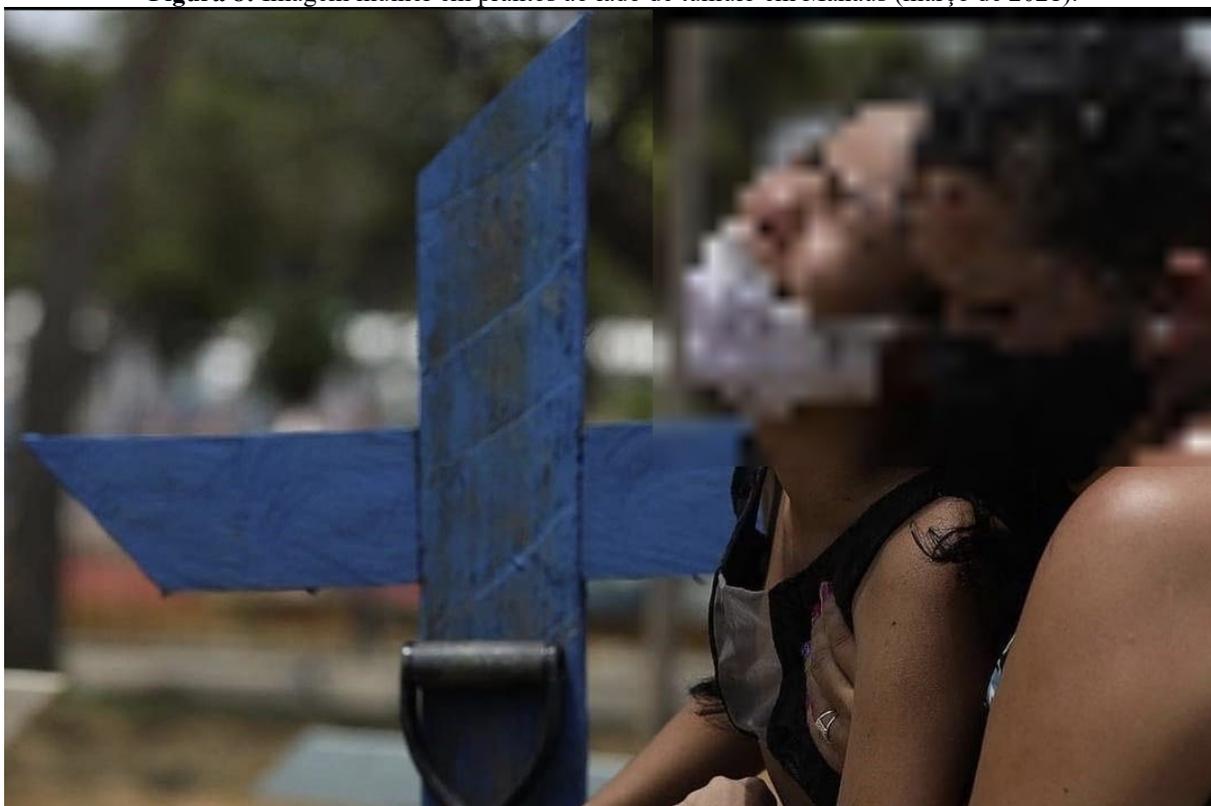
Figura 7 - Imagem de cadáver no chão coberto por lençol em Manaus (março de 2021).



Fonte: Foto: @tomprotti. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CM0fznAnFZn/>, acessada em: 28 set. 2021. Imagem editada para cobrir partes sensíveis.

O cenário de guerra, com milhares de mortos e cemitérios lotados, equipes de saúde e de serviços funerários exauridas com ritmos de trabalho extenuantes, envolve também o modo como aparecem os sujeitos e suas emoções, por exemplo, ao se despedirem como podem de seus entes queridos. A dor pela qual passam, traduz a realidade da aparência corporificada do sofrimento, trazendo elementos sociais, infraestruturas, de necessidade biológica geralmente restritos ao âmbito privado. Ao retomar o pensamento de Arendt para refletir sobre a pandemia, Duarte (2020b) comenta que os corpos que possuem o direito de aparecer e que, portanto, alcançam um *status* de realidade, são modelados através de um trabalho comum, social, político e institucional. Assim, Arendt (2008, 2019) associa o aparecimento a um arranjo entre vários sujeitos que agem juntos, que coabitam e que deveriam colaborar uns com os outros. Contudo, em um contexto de negacionismo e totalitarismo, a responsabilidade recíproca que deveria se originar do aparecimento, impede a abertura à alteridade e a empatia (o “sentir com” e não o sentir pelo outro). A aparição arendtiana no espaço público, segundo Duarte, é uma operação política e ética que implica a reconfiguração das normas de legibilidade e apreensão das existências, evidenciando marcadores de exclusão e injustiça.

Figura 8: Imagem mulher em prantos ao lado de túmulo em Manaus (março de 2021).



Fonte: Foto: [@brunokelly_photo](https://www.instagram.com/p/CM0fznAnFZn/). Disponível em :<https://www.instagram.com/p/CM0fznAnFZn/>, acessada em: 28 set. 2021. Imagem editada para proteção da identidade das pessoas nela registradas.

Diante desse quadro, consideramos que as cenas produzidas nas imagens e por meio delas, nos permitem redefinir a memória do sofrimento e do passado sem que sua textura desapareça, uma vez que o testemunho atua em prol da retomada transformadora do acontecimento traumático no e pelo presente. A cena testemunhal atua, portanto, “por amor ao passado e seus sofrimentos esquecidos, mas igualmente, de maneira ainda mais perigosa, por amor ao presente e à sua necessária transformação”(GAGNEBIN, 1999, p. 104).

Considerações finais

A dura realidade testemunhada pelos fotógrafos cujas imagens foram compartilhadas pelo perfil *@covidphotobrazil* não deixa dúvidas sobre a gravidade da situação atual. Nesse rápido e triste passeio pelos escombros e vestígios trazidos pelas cenas que testemunham os diversos impactos da pandemia de Covid-19 na vida de milhares de pessoas no Brasil no mês de março de 2021, vimos que, enquanto falsas narrativas são elaboradas para negar a realidade da situação, muitas histórias são vividas, contadas e registradas.

Figura 9 - Imagem de rosa em cemitério (março de 2021).



Fonte: Foto: *@tqueirozl*. Disponível em: [:https://www.instagram.com/p/CMx8Lp-H1wC/](https://www.instagram.com/p/CMx8Lp-H1wC/), acessada em: 28 set. 2021.

O gesto ético-político de Benjamin, enquanto historiador dos vestígios, vai buscar muitas vezes os traços de objetos inanimados, como a rosa caída no chão da imagem acima, fazendo-os “falar” a partir da materialidade dos acontecimentos sem apagar a complexidade do contexto no qual se dão os acontecimentos. O chão, lugar por onde passeia o olhar benjaminiano, devolve constantemente à superfície vestígios de uma humanidade ainda sob o intenso trabalho da morte. A rosa é vestígio de sobrevivência em meio à desapareição e à desumanização, pois ela indica que alguém foi amado, que alguém viveu “uma vida” e que o testemunho dessa vida demanda escuta, hospitalidade e resposta.

Referências

- ALMADA, P. Jair Bolsonaro e a Comissão Nacional da Verdade: Notas sobre o revisionismo e o negacionismo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 44, 2020, evento *online*, 2020. **Anais**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3qecunL>. Acesso em: 4 mar. 2021.
- ARENDT, H. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaio 1930-54)**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- ARENDT, H. A mentira na política: considerações sobre os Documentos do Pentágono. In: ARENDT, H. **Crise da república**. São Paulo: Perspectiva, p. 9-48, 2017.
- ARENDT, H. Verdade e política. In: ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, p. 282-325, 2019. 8 ed.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. 7 ed.
- BENKLER, Y., FARIS, R., ROBERTS, H. **Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization in American Politics**. New York: Oxford University Press, 2018.
- PINHEIRO, Lara. Mortes por Covid em julho de 2021 superam as de julho de 2020, pior mês do ano passado. **Portal G1**. 28 jul. 2021. Disponível em: <https://glo.bo/3sMTiAB>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- BRASIL. **Resolução CNS Nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Conselho Nacional de Saúde, 2012.
- BUTLER, J. **Quadros de guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, J. **Vida precária**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- BUTLER, J. **Caminhos Divergentes**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- CASTELLS, M. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CHAMBERS, S. Truth, Deliberative Democracy, and the Virtues of Accuracy: Is Fake News Destroying the Public Sphere? **Political Studies Review**. Political Studies Association. 2020,

p. 1-17.

DAHLGREN, P. Media, Knowledge and Trust: The Deepening Epistemic Crisis of Democracy. **Javnost – The Public**, 2018. DOI: 10.1080/13183222.2018.1418819.

DUARTE, A. “E daí?” Governo da vida e produção da morte durante a pandemia no Brasil. In: **O que nos faz pensar**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, jan. – jun. 2020a, p.74-109. Disponível em <https://bit.ly/3sN33gQ>. Acesso em: 3 fev. 2021.

DUARTE, A. **A pandemia e o pandemônio**: ensaio sobre a crise da democracia brasileira. Rio de Janeiro: Via Verita, 2020b.

GAGNEBIN, J. M. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

GAGNEBIN, J. M. **Walter Benjamin**: os cacos da história. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

LAGE, L. **Testemunhos do sofrimento nas narrativas telejornalísticas**: corpos abjetos, falas inaudíveis e as (in)justas medidas do comum. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LAGE, L. **Cenas do testemunho na televisão**: o (des)encontro de mundos. *Galáxia*, v. 14, p. 110-122, 2015.

LEVITSKY, S.; ZIBLAT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LÖWY, M. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOREL, A. P. M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, Jan. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/2PCDn8x>. Acesso em: 4 mar. 2021.

PEREIRA, G. **Verdade e política na obra de Hannah Arendt**. Curitiba: Appris, 2019.

PIGUET, M.; MONTEBELLO, C. Covid-19: pour une mémoire ordinaire de l’extraordinaire. **Libération**. 25 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3rX95ec>. Acesso em: 17 fev. 2021.

ROSENFELD, S. **Democracy and truth**: a short history. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2019 (versão Kindle).

RUNCIMAN, D. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. **Tempo e argumento**. Florianópolis: v. 2, n. 1, jan. – jun. 2010, p. 3-20.

SELIGMAN-SILVA, M. Narrar o trauma. Escrituras híbridas da memória do século XX. In: CASA NOVA, V.; MAIA, A. (orgs). **Ética e Imagem**. Belo Horizonte: Ed. c/Arte, 2011, p.11-26.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.

ⁱ Mestre e doutorando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, com graduação em Relações Públicas pela mesma universidade. É analista legislativo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais e integrante do Comitê Executivo da Política de Participação da ALMG.

ⁱⁱ Professora Associada do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. É co-autora dos livros *Apelos solidários* (Intermeios, 2017), escrito com Angie Biondi; *Diálogos e Dissidências: M. Foucault e J. Rancière* (Appris, 2018), com Marco Aurélio Máximo Prado; *Ética, Mídia e Comunicação* (Summus, 2018) e *No caos da convivência* (Vozes, 2020), ambos com Luis Mauro Sá Martino. Traduziu os seguintes livros de *Jacques Rancière*: *O método da cena* (Quixote + Do, 2021) e *O trabalho das imagens* (Chão da Feira, 2021).